

DE NOITE NO BOSQUE



Ana Maria Machado | Ilustrações: Bruno Nunes

MANUAL DO PROFESSOR

A literatura pode ser definida como uma forma de expressão artística cujo instrumento é a linguagem verbal. Como tal, a leitura de um texto literário é não só um mecanismo excelente para o aprendizado da língua – no caso em questão, da Língua Portuguesa –, como também uma forma de acesso a conhecimentos culturais diversos, o que está de acordo com o item 3 das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

BNCC, 2017, p. 9.

É por meio dessa e de outras linguagens que há a interação humana individual e coletiva, o que contribui para a constituição dos sujeitos sociais. Por simular situações do mundo real, o texto literário permite ao leitor entrar em contato com inúmeras experiências e vivenciar sensações múltiplas, como empatia, alegria, tristeza, medo, raiva, sendo ainda um espaço de criação de universos fantásticos, possibilitando ao leitor dar asas à imaginação.

Portanto, a leitura literária configura-se como atividade que proporciona inúmeros ganhos, em especial às crianças e aos jovens: é fonte ampla de conhecimento; induz ao pensamento reflexivo e crítico sobre o mundo que os rodeia e, em consequência, à autorreflexão, caminho para o autoconhecimento; é um meio eficaz para ampliar as competências de letramento dos estudantes e suas habilidades de comunicação; e pode, ainda, ser um instrumental eficaz para introduzir questões essenciais à construção da cidadania, como as noções de empatia, respeito às diferenças e responsabilidade social. Além disso, como está previsto na BNCC, “é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação” (p. 61).

No entanto, para que o aluno possa tirar o máximo proveito da leitura de um livro, é preciso não apenas que ele saiba decodificar o texto escrito, mas também que compreenda verdadeiramente o que lê, saiba interpretar o texto, faça relações

com outros textos já lidos (ou vistos, ouvidos, etc.) e com a própria vivência. Ou seja, é preciso que se torne um leitor proficiente. A formação desse leitor crítico certamente passa pela escola e pela mediação essencial do professor. Vale, ainda, ter em mente que a importância da escola e do professor na criação do hábito de leitura dos alunos é intensificada quando se considera que a instituição escolar pode ser o primeiro lugar onde muitas crianças entrarão em contato com o texto literário.

O primeiro papel do professor como mediador de leitura é motivar a leitura/escuta dos livros, auxiliando na escolha de obras adequadas à competência leitora dos alunos e que tragam temas que provoquem a curiosidade deles, além de estimular o interesse dos leitores pelo texto, antes e durante a leitura. Para construir esse papel de criação de leitores autônomos, perfeitamente capazes de realizar uma boa leitura individual e silenciosa dos livros, é importante não descartar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a leitura compartilhada em sala de aula, em que professor conduza de modo envolvente a leitura do texto, incentive a observação das ilustrações, bem como dos paratextos ao final do livro, capturando a atenção dos alunos e convidando-os à participação com questionamentos e inferências. Esse trabalho com os elementos não verbais é importante para auxiliar nas práticas de alfabetização e na inserção da cultura letrada, bem como aponta a Competência Específica 3 da área de Linguagens da BNCC:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

BNCC, 2017, p. 63.

O mediador também deve apontar caminhos possíveis para a interpretação do texto, sem, contudo, inibir os alunos de explorarem as múltiplas possibilidades de significado do texto literário, fazendo uso de seus conhecimentos e experiências prévias. Após a leitura, o professor pode ampliar a experiência leitora dos alunos propiciando atividades diversas, individuais e coletivas, que mobilizem contextos comunicativos diferenciados e gêneros textuais diversificados.

De noite no bosque, narrativa de Ana Maria Machado ilustrada por Bruno Nunes, é um livro que traz protagonistas crianças, Lipe e Gabi, vivenciando uma rica experiência de leitura. Todas as noites, os pais deles contam histórias antes de eles dormirem. Um dia, porém, quando os pais chegam em casa tarde da noite e cansados, as crianças resolvem que serão elas as contadoras de histórias. As cenas de leitura familiar compartilhada podem servir de estímulo aos leitores para desenvolverem o hábito de leitura não só na escola, mas também em seus lares. Além disso, a história reforça o protagonismo das crianças, estimulando a autonomia, o diálogo e a cooperação.

Lipe e Gabi, ao lerem para os pais, resolvem não intencionalmente inovar: em vez de uma única história, eles acabam mesclando várias narrativas passadas em bosques e misturando diversos personagens dos contos de fada: Chapeuzinho Vermelho, Cachinhos Dourados, Branca de Neve, Pequeno Polegar, Bela Adorme-

cida... Durante a leitura, os alunos entrarão em contato, portanto, com uma importante fonte de nossa cultura, familiar para a maioria deles – as histórias tradicionais de contos de fada. E as crianças trazem ainda outros personagens do universo da literatura infantojuvenil: Mogli e Bambi, respectivamente das obras *O livro da selva*, de Rudyard Kipling (1865-1936), e *Bambi*, de Felix Salten (1869-1945). Logo, essa narrativa, centrada na vivência contemporânea, estabelece intertextualidade significativa com as narrativas tradicionais e com outras obras importantes da literatura infantojuvenil ocidental, sendo esse um ponto importante a se explorar com os alunos.

ANTES DE LER O LIVRO

Autora do livro **De noite no bosque**, Ana Maria Machado, uma das mais consagradas escritoras da literatura infantojuvenil brasileira, ganhou importantes prêmios, como o Jabuti (três vezes) e o Hans Christian Andersen, espécie de “prêmio Nobel” da literatura infantojuvenil. Além disso, é a sexta ocupante da Cadeira 1 da Academia Brasileira de Letras, por ela presidida entre 2011 e 2013. Sua vasta produção inclui, além de inúmeros livros para crianças e adolescentes, romances e ensaios, com textos sobre políticas públicas de incentivo a leitura.

Ana Maria Machado também foi professora de língua e literatura, livreira e editora, antes de se tornar escritora. A paixão pelos livros manifestou-se desde a infância, como ela mesma gosta de lembrar em relatos como este:

Posso evocar lembranças de infância, mergulhada em livros de Monteiro Lobato ou Mark Twain, deitada atravessada na poltrona ou escondida num canto atrás do sofá para não ser interrompida, e viajando para mundos maravilhosos.

Ana Maria Machado, *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*, 1999, p. 69-70.

E é justamente esse prazer pela leitura que a autora tenta cultivar em seus leitores por meio de suas obras. **De noite no bosque** leva o leitor do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental a uma viagem divertida no mundo maravilhoso dos contos de fada, que surgem, nessa narrativa, emaranhados pela leitura intercalada de Gabi e Lipe. Mas, antes de chegar a esse ponto da história, é preciso falarmos sobre como se constrói o enredo desse conto e como se estrutura a narrativa.

A história se inicia com os irmãos Lipe e Gabi voltando da escola. O narrador – em terceira pessoa – conta-nos como é a rotina da família das crianças, uma rotina que talvez tenha muito em comum com a da maioria dos leitores: elas chegam da escola, jantam, ajudam com as tarefas domésticas, fazem seus deveres, brincam, veem TV. O momento especial vem antes de dormirem: os pais leem histórias para elas. Vale destacar que esse lugar-comum da rotina dos personagens é uma forma de a autora estimular a identificação dos leitores com eles e é, pois, algo interessante a se explorar durante o diálogo interpretativo sobre o texto, após a leitura.

Esse enredo explicita a relação temática de Família, amigos e escola, uma vez que apresenta a rotina familiar e seu papel de representar um primeiro contato

com a vida em sociedade, além de evidenciar a relação não só familiar como também de amizade entre os irmãos Lipe e Gabi, que, juntos, compartilham o hábito da leitura, fortalecendo esses vínculos sociais. A escola, no entanto, apesar de não estar explicitamente presente no texto, perpassa a narrativa por meio dos saberes e das práticas de leitura desenvolvidos na instituição, mas que se desdobram para outros ambientes, como o doméstico, demonstrando uma apropriação e adesão às práticas de leitura, além da autonomia das crianças em relação à experiência literária.

Como na estrutura arquetípica do gênero conto, a situação harmônica inicial precisa ser conturbada por algum evento. No caso dessa história, não há exatamente um conflito que se instaura; o que ocorre é uma situação que quebra a rotina da família e possibilita o surgimento de uma nova ordem. Trata-se do bilhete da mãe que as crianças encontram, certo dia, ao retornarem da escola, avisando que ela e o marido chegariam mais tarde. As crianças teriam de esquentar elas mesmas a própria comida, e o narrador enfatiza que elas dão conta perfeitamente da tarefa. Observe, professor, que essa situação que se instaura na narrativa incentiva a autonomia das crianças, assim como a atitude colaborativa que é ressaltada, desde o início, na rotina da família. Além disso, é possível verificar essa autonomia não apenas nas questões das tarefas e procedimentos domésticos, mas também na própria questão da leitura independente.

Lipe e Gabi cochilam no sofá vendo TV, seguram o sono esperando os pais chegarem, não querem dormir sem a leitura. Mesmo já sabendo ler – como nos conta o narrador –, as crianças não abrem mão do prazer de ouvir as histórias contadas por seus pais, em grande parte porque o momento da contação de histórias é também uma oportunidade de troca de afeto. Ao final, quando as crianças adormecem, os pais ajeitam as cobertas e beijam suas testas.

Chegando tarde e cansados, os pais dos garotos não querem saber de ler para eles. As crianças, no entanto, não se frustram, nem se chateiam; ao contrário, Lipe tem uma ótima ideia para solucionar a questão: serão os filhos que lerão para os pais naquela noite. Note, professor, o protagonismo das crianças em tentar resolver o conflito, o que mostra aos leitores que eles também podem ter ideias para sanar as questões que surgirem em seus ambientes de convívio, buscando soluções adequadas.

Isso pode ser verificado nas Competências Específicas 2 e 9 da área de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, respectivamente:

Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

[...]

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Conceito de intertextualidade

Intertextualidade significa “diálogo” entre textos. É possível notar que “texto” é tomado aqui em uma acepção ampla, referindo-se não só a textos literários, mas também a diversos outros gêneros, como notícias de jornal, quadrinhos, propaganda, filmes, músicas, quadros, etc. O diálogo entre os textos pode ser explícito, por meio de citações diretas ou indiretas, ou implícito, por meio de referências e sugestões que cabem ao leitor decifrar, com base na própria bagagem cultural.

Gabi acolhe a ideia do irmão e eles vão buscar vários livros para ler. Eis a cena que abre para o esperado momento de intertextualidade da história: agora a história dos irmãos vai se misturar com a história dos personagens dos contos maravilhosos.

Após a inversão de papéis entre as crianças e os pais, os leitores esperam que tudo volte ao normal na narrativa. No entanto, os irmãos, durante a leitura, começam a ficar com sono e, assim, vão se revezando no papel de leitor: enquanto um lê, o outro cochila. Contudo, em vez de prosseguir do ponto em que o outro parou, as crianças, a cada vez, buscam um novo livro, e assim a leitura prossegue com uma história diferente. Todas as narrativas, no entanto, têm um elemento em comum: o cenário é o bosque. Ao final, Lipe e Gabi criam uma nova história, fazendo um *pot-pourri* de diversas narrativas que já tinham lido ou ouvido os pais lerem. Os leitores, por sua vez, não só se divertem com essa miscelânea de contos, como também aproveitam para resgatar as próprias lembranças de cada história. Dialogue com os alunos a esse respeito, após a leitura, incentivando-os a falarem das histórias já lidas/ouvidas e instigando-os a pesquisarem sobre aquelas que eles ainda não conhecem.

Vale considerar que várias das obras contadas parcialmente pelos personagens já foram adaptadas para o cinema. Este é o caso das duas narrativas que não se enquadram na categoria contos de fada: *Bambi* e *O livro das selvas*. Este último, embora não tenha sido lido pelas crianças durante o serão de leitura, tem seu personagem principal – Mogli, o menino lobo – lembrado por Lipe em virtude da temática da floresta. É possível que vários outros personagens surgidos durante essa narrativa de Ana Maria Machado sejam conhecidos das crianças por outros meios que não apenas a literatura, o que possibilita, além do trabalho com a intertextualidade, explorar essas reescritas dos gêneros tradicionais por mídias multimodais, como o cinema.

Conceito de multimodalidade

Há uma diversidade de linguagens comunicativas para além da verbal, como a visual, a gestual, a musical, etc. A perspectiva de ensino/aprendizagem da língua precisa levar em conta na atualidade, sobretudo em razão das novas tecnologias de informação e comunicação, esses vários modos de comunicação, que são constitutivos de mídias como o cinema e a internet, por esse motivo chamados de multimodais. Eis um dos aspectos que torna essencial o trabalho com os diferentes gêneros textuais e as diversas mídias em sala de aula.

Ana Maria Machado procurou, nessa narrativa, ressaltar a tradição oral dos contos, que são matéria-prima de muitas histórias infantojuvenis até os dias atuais e estão presentes na memória de leitura de muitos adultos e crianças. Essa ideia pode ser verificada no eixo da oralidade do ensino de Língua Portuguesa previsto na BNCC:

Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana.

Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multisssemiose.

Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.

BNCC, 2017, p. 77.

Além disso, a autora procurou dar protagonismo aos personagens infantis como forma de inspirar seus pequenos leitores não só em relação às atitudes positivas de Lipe e Gabi, mas também no que se refere ao gosto que eles têm pela leitura. Ressalte com os alunos a importância do hábito da leitura, fazendo-os perceber os efeitos positivos desse costume na família que protagoniza o conto.

A obra é enriquecida pelas ilustrações de Bruno Nunes, as quais dialogam com o texto escrito contribuindo com detalhes descritivos tanto do ambiente em que se passa a narrativa quanto dos próprios personagens, numa estratégia colaborativa que contribui para a interpretação do texto. Explorar as ilustrações com os alunos é uma forma de auxiliá-los na prática da leitura de imagens, buscando detalhes e observando de que maneira as ilustrações ajudam a significar o texto. Peça aos alunos que façam efetivamente uma leitura dos textos não verbais em conjunto com os verbais para, assim, compor uma interpretação mais completa da narrativa.

Motivação para a leitura/escuta

Antes de iniciar a leitura da narrativa, analise com os alunos os elementos da capa e os paratextos – essa é uma boa estratégia para estimular a criação de hipóteses sobre o livro que vão ler e/ou ouvir.

Questione os alunos a respeito da ilustração da capa e procure incentivá-los a relacionar o título a ela. Chame a atenção deles para os detalhes da ilustração que remetem à concepção comum de bosque, bem como para aqueles relacionados à figuração da noite. É importante fazer uso dos conhecimentos prévios dos alunos, os quais vão auxiliá-los depois no processo de interpretação do texto.

Indague-os também se o cenário ilustrado na capa lembra algum cenário já visto ou imaginado em histórias lidas/ouvidas. É importante deixar as crianças

livres para fazerem as próprias observações e suposições, que poderão ser confirmadas ou refutadas após a leitura.

Conduza os alunos a observarem os detalhes das imagens das crianças na capa, perguntando-lhes:

- “O que, na opinião de vocês, as crianças estão fazendo?”
- “Com que tipo de roupa as crianças parecem estar vestidas?”
- “O que o semblante das crianças sugere a vocês? Medo? Tranquilidade? Surpresa?”

É importante deixar que os alunos respondam livremente às indagações, porém é de se esperar que eles percebam que as crianças da história estão lendo e parecem estar vestidas com pijamas, o que se relaciona, por sua vez, ao cenário noturno e ao próprio título do livro – **De noite no bosque**. Essa atividade é importante para sensibilizar os leitores à leitura das imagens, ajudando-os a notar os detalhes, o que eles sugerem e como podem auxiliar na atividade interpretativa.

Leia também com os alunos o texto da quarta capa e incentive-os a criar hipóteses sobre questões como:

- “O que vocês acham que seria essa ‘inversão de papéis’ de que fala o texto?”
- “O que vocês acham que vai acontecer na história que vai gerar ‘um conflito’?”

Estimule os alunos a relacionar os contos clássicos, mencionados no texto da quarta capa, à ilustração da capa. Se houver dúvidas, explique-lhes o que são os contos clássicos – outra forma de nomear os tradicionais contos de fada. Na sequência, pergunte quais contos eles conhecem que teriam relação com a ilustração da capa. É possível que alguns deles já tenham mencionado contos de fada quando questionados, anteriormente, sobre se o cenário da capa lembrava o de alguma outra história já lida ou ouvida. É um momento também para chamar a atenção aos detalhes do cenário relacionados ao “perigo” e ao “mistério” mencionados no texto.

Explore ainda com os alunos as outras informações da capa, como autora e ilustrador. Questione-os sobre quem é a autora do livro e se já leram algum outro livro de autoria dela; pergunte quem é o ilustrador. Seria interessante, nesse momento, ler com os alunos as biografias de Ana Maria Machado e de Bruno Nunes, que se encontram no final da obra, e, após essa leitura, iniciar um diálogo com eles, perguntando, por exemplo: “O que mais chamou a atenção de vocês na biografia da autora? E na do ilustrador?”.

Se preferir, resalte aquilo que mais lhe chamou a atenção na trajetória dos dois. Incentive os alunos a fazerem comparações, verificando similaridades e diferenças entre as biografias apresentadas. O momento pode ser aproveitado para tratar da questão do gênero biografia, apontando, por exemplo, o tipo de informação comumente apresentada por esse gênero. Incite-os a pesquisarem mais sobre a autora e o ilustrador na internet, chamando a atenção deles para o *site* de Ana Maria Machado, cujo endereço se encontra ao final do texto biográfico. Os alunos podem ser convidados a trazer e compartilhar com a turma o resultado das pesquisas.

Essa atividade é importante para contextualizar com os alunos a obra lida, fazendo-os perceber que é um passo importante para a atividade de compreensão

do texto conhecer quem é o autor da obra. Além disso, é essencial que eles se familiarizem com a ideia de que o livro é um objeto artístico que não se compõe apenas do texto escrito, tendo a ilustração como componente fundamental, sobretudo, em alguns gêneros, como é o caso de contos destinados a crianças.

DURANTE A LEITURA

É possível conduzir de várias maneiras a leitura dessa obra. No entanto, considerando a importância dos contos tradicionais na narrativa, histórias que, durante séculos, foram contadas oralmente, parece bastante apropriado realizar uma leitura em voz alta com a turma. Ler o livro para os alunos aproximaria a situação da sala de aula daquela descrita no livro – as crianças ouvindo os pais contarem histórias. Cada aluno pode acompanhar a leitura do professor no próprio livro, o que facilitará muito sua interpretação das imagens. No momento da história em que Lipe e Gabi passam a ler para os pais, seria interessante pedir aos alunos, dividindo-os em grupos, que realizem essa parte da leitura em voz alta para toda a sala.

Professor, é muito importante treinar, previamente, a leitura em voz alta, procurando a entonação adequada para cada momento da narrativa. Por exemplo, buscar um tom diferenciado ao ler o bilhete da mãe, ou nos momentos de diálogo do texto, é um modo de fazer os alunos perceberem as diferentes vozes da narrativa – do narrador e dos personagens – a serem, posteriormente, exploradas no momento da interpretação do texto.

Outra questão indispensável é efetuar a leitura das ilustrações paralelamente à leitura do texto verbal. Nesse momento, a leitura pode ser participativa, abrindo espaço às observações dos alunos. Procure notar quais aspectos da narrativa aparecem na ilustração e quais detalhes são criados pela imagem – ou seja, o que não está explicitado no texto verbal. Ajude os alunos a perceberem como as imagens colaboram com a criação da atmosfera da narrativa e com a percepção da própria dinâmica desta, auxiliando o leitor a compreender a sequência narrativa e frisando os momentos mais significativos da história.

Para exemplificar isso, resalte aos alunos o papel essencial da ilustração no momento da narrativa em que Lipe e Gabi estão lendo para os pais (p. 13-15). Cada conto diferente escolhido pelos irmãos vem acompanhado de uma ilustração que auxilia o leitor a entrar na atmosfera da nova história – Cachinhos Dourados, Branca de Neve e Os sete anões, e assim por diante.

O vocabulário eleito por Ana Maria Machado parece não apresentar dificuldades para essa faixa etária; no entanto, se surgir alguma dúvida sobre o significado de algum termo, seria interessante auxiliar os alunos a tentarem deduzir o significado com base no contexto. É importante que a dúvida se dissipe para que o leitor possa continuar desfrutando da leitura/audição da obra.

O texto e o contexto

Após a leitura da obra, instigue os alunos a inferirem sobre o que leram. O papel do mediador, nesta ocasião, é o de questionar os estudantes a respeito das hipóteses de leitura levantadas.

Um primeiro momento pode ser dedicado a fazer os alunos avaliarem se as suposições feitas antes da leitura, com base nos elementos da capa e da contracapa, se mantiveram após a leitura do texto. Se as hipóteses se preservaram, quais elementos do texto auxiliam a confirmar a inferências feitas? Se não se mantiveram, quais elementos do texto contradizem os pressupostos levantados pelo aluno?

Após isso, os alunos podem ser motivados a falar sobre o que compreenderam do texto lido. Mais uma vez, encoraje-os a confrontar as próprias afirmações interpretativas e incentive-o a perceber que as deduções sobre os aspectos implícitos da narrativa serão confirmadas por aquilo que está explícito no texto.

Faça perguntas que os incentivem a falar sobre a obra. Veja alguns exemplos:

- “Qual é o melhor momento da noite para Lipe e Gabi? Por quê?”
- “O que dizia o bilhete deixado pela mãe aos filhos? Como eles reagiram ao bilhete?”
- “Por que Lipe e Gabi não foram dormir até os pais chegarem?”
- “O que mudou nesse dia na hora da leitura antes de dormir?”
- “Existe algum elemento em comum nas histórias que Lipe e Gabi escolheram? Qual?”

Após a interpretação imprescindível do texto lido, é hora de incentivar os leitores a apresentarem as respectivas considerações sobre o que foi lido. Neste momento, é preciso deixá-los livres para estabelecer relações com aquilo que eles já trazem de bagagem, as experiências pessoais de vida e de leitura. Os alunos podem trazer temas de alguma forma ligados à história – por exemplo, questões sobre a relação familiar pais-filhos, sobre as práticas de leitura de cada um, ou mesmo aspectos que perpassam a narrativa, mas não são o foco principal, como o medo do escuro, subentendido quando o narrador fala da “luz do corredor acesa” (p. 7) e que, ao final da narrativa, ficará apagada.

Após a leitura da narrativa, vale a pena ler com os alunos o paratexto – “Histórias e bosques de Lipe e Gabi” –, que traz um breve resumo de cada uma das histórias que as crianças leram para os pais. Menciona-se ainda, após o resumo de cada livro, a origem da história e o autor que primeiro a publicou. Esse aspecto merece ser explorado com os alunos depois da leitura para assinalar o percurso desses contos que se tornaram populares em todo o mundo.

Esse também é o momento de fazer as relações intertextuais. **De noite no bosque**, pela intertextualidade inerente à sua composição, torna-se um prato cheio

para essas relações. É possível que os leitores falem de outros livros que, assim como a obra que acabaram de ler, enfatizem práticas de leitura, ou ainda de livros que trabalhem, de alguma forma, com contos de fada. Esse aspecto pode ser mais bem explorado conduzindo a futuras leituras de obras que fazem uma releitura dos contos de fada tradicionais. (Na seção “Leia também” são sugeridas algumas obras que se constroem das relações intertextuais com contos tradicionais.)

Vale explorar com os alunos um pouco mais do paratexto, com o resumo, a origem e, quando for o caso, a autoria das histórias lidas por Lipe e Gabi. Professor, assinale a origem oral e popular dos contos tradicionais que, muito antes de serem lidos, eram contados de boca em boca e passados de geração em geração, fazendo parte de uma tradição oral da Europa e do mundo ocidental. A conversa pode ser encaminhada para que os alunos pensem em histórias que fazem parte de nosso folclore, atividade esta que pode ser mais explorada em um projeto interdisciplinar sobre narrativas do folclore brasileiro.

É possível que, durante o diálogo, os alunos mencionem filmes a que tenham assistido envolvendo os personagens dos contos de fada, tanto os que aparecem na narrativa, quanto outros. Trabalhar com esse material ainda pode ser uma excelente forma de dar continuidade a essa leitura, explorando as múltiplas linguagens presentes no cinema e as diferenças entre os filmes e os contos clássicos.

Interpretação do texto

Além da compreensão da história em si, um aspecto importante da interpretação é o entendimento da própria estrutura da narrativa. É preciso direcionar os alunos, neste momento da interpretação, por meio de questões que lhes possibilitem perceber a situação inicial, o desenvolvimento e o desfecho da narrativa, bem como distinguir os elementos essenciais do texto narrativo – personagens, tempo, espaço, enredo, narrador.

A primeira percepção a ser trabalhada com os alunos é a da situação inicial da narrativa. Isso pode ser conduzido com perguntas que os ajudem a reconhecer os personagens e o que eles, no início da história, estão fazendo. Em **De noite no bosque**, é importante que, além de destacar os personagens, os alunos percebam que os protagonistas da narrativa são as crianças Lipe e Gabi.

Após a conversa sobre os personagens, é possível refletir com os alunos a respeito do narrador da história, fazendo perguntas como: “Quem está contando a história? É algum dos personagens ou é alguém que não participa dos acontecimentos?”. Desse modo, eles terão um indicativo do conceito de foco narrativo.

Auxilie-os a compreender como se dá a sucessão das ações e em que tempo elas acontecem. Nesse quesito, é importante que se perceba que a situação inicial da narrativa descreve a rotina da família, ou seja, ações que tendem a se repetir, sem grandes alterações, no dia a dia de Lipe e Gabi. O tempo verbal do presente do indicativo é utilizado, nesse caso, para expressar essas ações habituais, regulares:

Felipe gosta de brincar com os colegas na escola.

Mas também gosta quando as aulas acabam no fim do dia e é hora de ir para casa com a irmã mais velha. (p. 4)

É interessante incentivar os alunos, nesta etapa, a pensarem na rotina da própria família e em que aspectos ela se aproxima daquela descrita na narrativa. Por exemplo:

- “Quem cozinha em sua casa? É seu pai ou sua mãe? Ou os dois?”
- “Você costuma ajudar nas tarefas domésticas, como Lipe e Gabi?”
- “O que você costuma fazer após o jantar? Sua família faz alguma atividade regularmente nesse horário?”

As inferências iniciais dos alunos, surgidas com a observação da ilustração da capa, podem ser retomadas para se discutir o espaço da narrativa:

- “Então, onde afinal se passa a narrativa? É em um bosque?”
- “Se a narrativa não se passa em um bosque, como se explica a ilustração da capa?”

Com relação a essa questão, é importante levar os alunos à compreensão de que existe mais de um cenário, o que se relaciona, nesse caso, ao fato de haver mais de uma narrativa. A narrativa principal, em que Lipe e Gabi são os protagonistas, passa-se na casa da família. Já as histórias lidas pelos garotos terão como ambiente o bosque ou a floresta – por isso o cenário da ilustração da capa é um bosque. Nesse momento, retome a ilustração da capa e discuta com os alunos o fato de Lipe e Gabi estarem lendo no meio de um bosque escuro, incentivando-os a explicar a ilustração com base na história.

Para uma reflexão a respeito do desenvolvimento da narrativa, o surgimento da situação que provoca o desequilíbrio da circunstância inicial e leva à busca de soluções, pergunte aos alunos:

- “O que aconteceu para quebrar a rotina da família? O que surgiu, provocando alguma alteração importante no rumo da história?”
- “O que os personagens fazem para resolver essa situação?”

Procure auxiliar os alunos a retomarem o momento em que o bilhete da mãe provoca uma quebra na rotina da família, de modo que percebam que esse é o gatilho para a modificação da cena noturna da leitura de histórias. É importante levá-los à percepção da iniciativa de Lipe em resolver a problemática surgida. Direcione-os ainda à recordação de situações de conflito, em casa ou com o grupo de amigos, que eles ajudaram a resolver. Isso vai reforçar a importância de agir de maneira positiva diante de discordâncias, ajudando-os a resolver as divergências por meio do diálogo.

Incentive os alunos a falarem sobre o desfecho da narrativa. A essa altura, pode-se abrir para mais comentários sobre a percepção subjetiva dos alunos em relação à história.

- “O desfecho da história agradou vocês?”
- “Se pudessem modificar o final da história, como o fariam?”

Leve os alunos a reconhecer como se estrutura um texto narrativo, mostrando que é um passo essencial para que eles produzam as próprias histórias. Além disso, com o passar do tempo e do hábito de leitura, os alunos serão capazes de fazer por si só essa análise e compreender que, como em uma máquina, a engrenagem do texto é essencial para que ele funcione bem.

Linguagem

Professor, aproveite a narrativa para propor atividades explorando elementos linguísticos presentes nesse gênero. Uma possibilidade é trabalhar com os sinais de pontuação que marcam os diálogos presentes no texto. Para tanto, retome um trecho de diálogo da narrativa, transcreva-o na lousa para analisar com os alunos. Por exemplo:

- Por que vocês ainda não foram dormir? – estranhou a mãe.
- Ficou faltando a história – disse Gabi.
- Ah, não, hoje não vai ter história – respondeu a mãe, se preparando para deitar, enquanto o pai, já de pijama, se metia na cama. (p. 10)

Em primeiro lugar, esclareça aos alunos que o diálogo é um momento da narrativa em que o narrador para de contar a história e deixa os personagens “conversarem”. Para que ele fique claro, é necessária uma pontuação específica. Auxilie-os a perceber que, antes da fala do personagem, costuma haver um travessão e ainda, antes ou depois da fala, o narrador informa “quem” está falando. Se essa informação vier depois, ou no meio, da fala do personagem, haverá outro(s) travessão(ões). Espera-se que os alunos concluam, mediante essas observações, que o travessão auxilia a separar a fala do narrador da fala do personagem, bem como a distinguir qual personagem está falando.

Em outro trecho, quando Lipe vai começar a ler a primeira história, o autor anuncia antes que o turno de fala será do garoto. Peça aos alunos que observem o trecho:

Os filhos sentaram na beirada da cama, cada um de um lado, e começaram:

Primeiro, Lipe:

Era uma vez uma menina [...] (p. 12 e 13)

Leve-os a observar que, antes de dar a palavra a Lipe para começar a leitura, o narrador utiliza os dois-pontos, outra estratégia comum para passar o turno de fala para o personagem. Essas observações auxiliarão o aluno no momento de produção de diálogos em seus próprios textos.

Observar os diálogos da narrativa também pode ser uma estratégia para trabalhar com os verbos. Ajude os alunos a notarem que o narrador costuma sinalizar a fala dos personagens por meio de um verbo no passado. Vejamos o diálogo entre os irmãos, ao final da narrativa:

O menino se virou para Gabi e sugeriu:

- Vamos deixar os dois dormindo? Acho que eles estão com sono.
- Nós também – concordou a irmã. – Daqui a pouco vamos misturar tudo quanto é história de bosque. (p. 27).

Após reler o diálogo com os alunos – vale a pena transcrevê-lo na lousa –, incentive-os a assinalarem quais são as palavras que indicam de quem é a fala do

personagem desse trecho. Em seguida, analise com eles, separadamente, a fala do narrador e a fala dos personagens, levando-os à percepção de que o narrador se utiliza de verbos no passado para anunciar ou apontar a fala dos personagens ('sugeriu', 'concordou').

Ressalte aos alunos que, além do gênero narrativo, o livro explora outros gêneros textuais. O primeiro aparece durante o conto: o bilhete. Retome o trecho com os alunos:

Vou sair mais tarde do trabalho. Seu pai vem comigo. Não nos esperem para jantar. Tem empadão de frango e arroz na geladeira, é só esquentar. (p. 8).

O bilhete é um gênero muito comum em contextos cotidianos familiares e sociais. Se indagados, os alunos certamente se lembrarão de já ter recebido um bilhete ou mesmo de já ter escrito um bilhete. Explore com eles, com base nesse episódio da narrativa e dos episódios que relembrem da própria vivência, os elementos típicos a esse gênero textual: "Para que serve um bilhete?".

Conduza os alunos à percepção de que se trata de um gênero associado a uma necessidade comunicativa breve: "Em quais contextos costumamos escrever bilhetes?".

Espera-se que eles observem que escrevemos bilhetes para parentes, para amigos e, até mesmo, nos ambientes de trabalho e da escola. Nesse instante, deixe que os alunos tragam exemplos de situações vivenciadas por eles. Pergunte-lhes: "Como se estrutura um bilhete?".

Embora isso não apareça no bilhete da história, ajude os alunos a se lembrarem de que é comum colocarmos, no início desse gênero textual, a pessoa a quem o bilhete se dirige e, ao final, acrescentar uma breve despedida. No mais, o bilhete deve trazer uma mensagem objetiva e breve.

Seria interessante dialogar com os alunos sobre os gêneros textuais que têm surgido com as novas tecnologias de comunicação e que têm substituído, pelo uso, gêneros há muito em circulação. É o caso das mensagens nos aplicativos de celular, por exemplo. Elas, muitas vezes, substituem o antigo bilhete de papel. O mesmo se dá com os *e-mails*, que têm substituído as tradicionais cartas escritas em papel, colocadas em um envelope e despachadas pelo correio.

Uma atividade interessante, que pode ser feita em conjunto, é reescrever o bilhete da mãe das crianças, colocando o vocativo e a despedida. Outro ponto a ser explorado seria em relação aos gêneros aqui referidos, surgidos com as novas tecnologias. Por exemplo: "Como seria a mensagem da mãe de Lipe e Gabi se, em vez de escrever o bilhete, ela tivesse enviado uma mensagem pelo celular?". Ouça as sugestões dos alunos e reescreva com eles a mensagem, adequando-a ao suporte digital.

Essa tarefa está diretamente ligada à Competência Específica 10 de Língua Portuguesa:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Bate-papo e pesquisa

Várias das narrativas que se mesclam na leitura de Lipe e Gabi já foram adaptadas para outras linguagens, como o cinema e os quadrinhos. Uma atividade interessante de pesquisa seria sugerir aos alunos que procurassem essas recriações de contos de fada e trouxessem para compartilhar com os colegas o resultado das pesquisas. O professor poderá auxiliá-los a que compreendam, no caso do cinema, as múltiplas linguagens ali presentes – o aspecto visual dos personagens e do cenário, o movimento, a música, etc. – e incentivá-los a que comparem o conto tradicional com a recriação cinematográfica.

No caso dos quadrinhos, o professor pode instigar os alunos a que percebam as diferenças entre o gênero narrativo tradicional e a linguagem das HQs, que trabalham muito mais a imagem do que o texto verbal, utilizam frequentemente as onomatopéias e exploram os recursos gráficos.

Para saber mais

Veja algumas sugestões de materiais que podem ajudar na verificação da intertextualidade do cinema e dos quadrinhos em relação à literatura:

Cinema em sala de aula. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=2335>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Cinema e suas diferentes formas de ensinar. Disponível em: <<http://porvir.org/cinema-suas-diferentes-formas-de-ensinar/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Cinema na sala de aula? Portal apoia professores na construção das aulas. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/cinema-na-sala-de-aula-portal-apoia-professores-na-construcao-das-aulas/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula, de Angela Rama e Waldomiro Vergueiro. São Paulo: Contexto, 2010.

Como usar o cinema na sala de aula, de Marcos Napolitano. São Paulo: Contexto, 2003.

Contos de fadas em quadrinhos, de Chris Duffy. Tradução de Rosa Amanda Strausz. São Paulo: Galera Record, 2015.

HQs na sala de aula. Disponível em: <<https://educacaoeparticipacao.org.br/oficinas/hqs-na-sala-de-aula/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Produção de texto

É possível realizar duas atividades de produção de texto relacionadas à obra **De noite no bosque**. Ambas podem ser feitas coletivamente, caso os alunos ainda não saibam escrever.

Escrita de conto: Ao “misturar” os contos de fada durante a leitura, Lipe e Gabi acabam construindo uma nova história. Proponha aos alunos que escrevam os próprios contos de fada, misturando também os personagens das histórias tradicionais. Veja uma sugestão para esse procedimento:

1. O primeiro passo seria escolher com quais contos trabalhar. Seria interessante fazer essa seleção pensando em elementos em comum presentes nos contos de fada.

2. A seguir, releia com os alunos as histórias escolhidas ou deixe que eles façam uma leitura silenciosa dos contos que selecionaram.
3. Como eles podem ter dificuldade em iniciar a história, escreva com eles o início da narrativa, já deixando um gancho para a entrada da outra história.
4. Agora é o momento da produção do texto. Deixe que os alunos criem a narrativa livremente. Se possível, deixe os contos originais acessíveis a eles para possíveis consultas, se necessário.
5. Ao término da escrita, sugira aos alunos que façam uma revisão das histórias produzidas, tentando perceber onde é preciso fazer alguma correção para que o texto fique claro. Se julgar pertinente, você pode propor que fiquem em duplas e um seja o corretor do texto do colega.
6. Após a revisão, corrija os textos e sugira melhorias para que os alunos possam fazer uma reescrita.
7. Ao término da reescrita, pode-se pensar na realização de um sarau de histórias na sala de aula, com cada um lendo a respectiva versão dos contos tradicionais.

Elaboração de resumo: Outro gênero explorado no posfácio do livro foi o resumo. Sugira aos alunos que elaborem o resumo de um conto de fada, segundo o modelo do posfácio. Veja a seguir a sugestão de uma ideia de como conduzir esta atividade.

1. O primeiro passo é selecionar a obra. Seria interessante deixar que os alunos escolham o conto com o qual desejam trabalhar, excluindo, preferencialmente, os contos já resumidos ao fim do livro. Cada aluno pode escolher um conto ou pode ser escolhida uma história para toda a classe.
2. Releia com eles um ou mais resumos do final da obra **De noite no bosque**, chamando a atenção para o fato de que se trata de um gênero conciso, ou seja, eles precisarão se concentrar naquilo que é essencial na narrativa para fazer o resumo.
3. Em seguida, os alunos devem ler a história escolhida. A leitura silenciosa seria a mais indicada. Sugira-lhes que façam anotações durante a leitura para facilitar a elaboração do resumo.
4. Após a elaboração do resumo, incentive-os a fazer uma revisão do próprio texto, observando se há algo que precisa ser mudado para melhorar a clareza da escrita.
5. Corrija os textos e faça sugestões para que os alunos façam a reescrita.
6. Se cada aluno fizer o resumo de um conto, pode-se pensar, depois desta atividade, na montagem de um mural com os textos, os quais poderiam servir como incentivo a alunos de outras turmas à leitura dos contos de fada. Além disso, essa seria uma forma de divulgar esse material e aferir um novo sentido social para o texto de circulação.

Fazendo arte

Em vários momentos, antes, durante e depois da leitura da obra **De noite no bosque**, foram exploradas as ilustrações de Bruno Nunes. Antes de os alunos

produzirem seus desenhos, incentive-os mais uma vez a que observem as ilustrações do livro. Faça com que percebam as cenas que o ilustrador escolheu para ilustrar e quais são as peculiaridades dos traços dele – note que Bruno Nunes parece, intencionalmente, construir suas ilustrações com alguns traços que se aproximam do desenho infantil, em particular os olhos, a boca, o nariz e os cabelos dos personagens.

A atividade de arte pode ser uma complementação à atividade de produção de texto. No caso da primeira atividade sugerida, os alunos podem ilustrar as próprias narrativas. Faça-os perceber qual seria a cena principal a ser ilustrada e que poderia enriquecer a história que produziram. Por exemplo: se a história contar o encontro da Chapeuzinho Vermelho com a Cachinhos Dourados, na casa da avó da Chapeuzinho, eles poderiam ilustrar a cena das duas personagens sentadas, tomando um suco enquanto conversam. A questão aqui é deixar a imaginação livre!

Quanto à atividade do resumo, uma sugestão poderia ser os alunos desenharem o personagem principal da história que estão resumindo. Instigue-os a usarem a imaginação para reproduzir a imagem que eles têm do personagem. Por exemplo: “Supondo que a história escolhida foi a da Cinderela, como é que você imagina a princesa? Qual seria a cor de seus cabelos e dos olhos? Como é o vestido dela?”. Deixe que notem que eles podem criar a imagem que quiserem, sem se prenderem àquela do ilustrador do livro que estão resumindo.

Uma ideia é que as ilustrações sejam feitas com lápis colorido, giz de cera, canetinha, tinta guache, ou ainda misturando materiais diversos, como lantejoulas, lã, papel de jornal ou revista, ou outros elementos que possam chamar a atenção para algum detalhe da ilustração.

Para saber mais

Seguem algumas sugestões de obras sobre literatura infantojuvenil, contos de fada e contos folclóricos brasileiros:

A psicanálise dos contos de fadas, de Bruno Bettelheim. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Como e por que ler a literatura infantil brasileira, de Regina Zilberman. São Paulo: Objetiva, [s.d.].

Como e por que ler os clássicos universais desde cedo, de Ana Maria Machado. São Paulo: Objetiva, 2002.

Como usar a literatura infantil na sala de aula, de Maria Alice Faria. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

Contos de fadas: símbolos, mitos, arquétipos, de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2008.

Contos folclóricos brasileiros, de Marco Haurélio. Ilustração de Maurício Negro. São Paulo: Paulus, 2009.

Contos tradicionais do Brasil para jovens, de Luís da Câmara Cascudo. 2. ed. Ilustração de Jô Oliveira. São Paulo: Global, 2010.

Sarau de contação de histórias

De noite no bosque traz a temática dos contos de fada oriundos do folclore europeu. Uma atividade, associada também à área de Ciências Humanas, é a pesquisa de contos de nosso folclore. Desse modo, será mais uma oportunidade de trabalhar essa obra sob o viés da intertextualidade, dialogando com outras áreas do saber de modo pertinente para a ampliação do trabalho interpretativo em Língua Portuguesa.

Assim como Perrault e Andersen recolheram contos tradicionais da cultura popular europeia, escritores e folcloristas brasileiros – Câmara Cascudo, Mário de Andrade, entre outros – também se dedicaram a recolher narrativas próprias de nossa tradição cultural popular. Há, portanto, bastante material a ser pesquisado. Os alunos poderiam se dividir em pequenos grupos e pesquisar narrativas próprias de nosso folclore. Trabalhe com eles a origem de nossas tradições culturais, que mesclam as culturas europeia, indígena e africana. Os grupos podem recolher uma narrativa e identificar, por meio de pesquisas e com a ajuda do professor, a origem – indígena, africana, europeia – da história em questão.

Depois de concluída a etapa da pesquisa, organize um sarau de contação de histórias, em que cada grupo pode ler a história para a turma e falar um pouco a respeito de sua origem. Além de a atividade ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a diversidade cultural brasileira, o sarau seria um momento em que eles poderiam desenvolver a habilidade de leitura e expressão oral.

Ao término das leituras, poderia haver uma discussão coletiva sobre as histórias, permitindo aos alunos que comentassem aquilo que ouviram, com a intervenção construtiva do professor.

Leia também

Veja algumas sugestões de narrativas que estabelecem relação de intertextualidade com os contos tradicionais ou que trabalham com as narrativas populares brasileiras:

Armazém do folclore, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 2000.

Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque. Ilustrações de Ziraldo. São Paulo: José Olympio, 2003.

Contos de Grimm, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra, 2011. v. 1.

Histórias de Tia Nastácia, de Monteiro Lobato. 3. ed. São Paulo: Globo, 2011.

História meio ao contrário, de Ana Maria Machado. 26. ed. São Paulo: Ática, 2010.

Meu livro de folclore: um punhado de literatura popular, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 2010.

O fantástico mistério de Feiurinha, de Pedro Bandeira. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

O Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato. São Paulo: Globinho, 2009.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação é a base. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2002.

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

CURY, Maria Zilda F. Intertextualidade. Glossário Ceale. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/intertextualidade>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2008.

_____; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

STREET, Brian. Multimodalidade. Glossário Ceale. Disponível em: <www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/multimodalidade>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

_____; RÖSING, Tania M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.